



Identidade Cultural nas Festas de Agosto.¹

Maria Clara Corsino FERREIRA²

Maurício de Medeiros CALEIRO³

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

Contando com grande participação popular, as Festas de Agosto mobilizam a população e alteram a rotina de boa parte da cidade de Montes Claros, no norte de Minas Gerais. Este artigo discute a relação dos montesclarenses com a tradição dos catopês. E procura entender, de modo participativo, como um evento da cultura popular pode servir para socializar um povo, criando uma identidade com a própria cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura popular; identidade; Festas de Agosto; Catopês.

INTRODUÇÃO

Mais importante do que as fronteiras geográficas, a cultura exerce papel determinante para o reconhecimento de um povo com o lugar no qual vive. Qualquer elemento cultural pode ser responsável pela identificação das pessoas com o cotidiano, a história e os costumes locais.

Deste modo acontece em Montes Claros, no norte de Minas Gerais, cuja festa folclórica de agosto, a conhecida festa dos catopês, possui tamanha participação e envolvimento popular, que o próprio fato de se reconhecer como folclorista ou catopê, representa uma maneira de se reconhecer como montesclarenses.

As Festas de Agosto surgiram da iniciativa da própria comunidade, há mais de dois séculos, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e ao Divino Espírito Santo. São constituídas por missas, bênçãos, levantamento de mastros e da tríade de apresentações folclóricas composta pela Marujada, Caboclada e os Catopês

¹ Trabalho apresentado no IJ7 - comunicação e cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa, Viçosa MG. Email: claracorsino@yahoo.com.br.

³ Mestre em Jornalismo e ex-professor da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. Email: mauriciocaleiro@ufv.br.



(que acaba por representar os três e tudo mais que compõe a festa quando se fala nela). Cada um deles corresponde respectivamente às tradições de origem portuguesa, indígena e negra, com danças, música e trajes que representam cada povo (CATOLICISMO, outubro de 1994). O Sincretismo por sinal é uma das marcas da festa. Não em seu sentido pejorativo de confusão e de uma mistura contraditória, mas sim como destaca Ferretti (1997),

O sincretismo pode ser visto como característica do fenômeno religioso. Isto não implica em desmerecer nenhuma religião, mas em constatar que, como os demais elementos de uma cultura, a religião constitui uma síntese integradora englobando conteúdos de diversas origens. Tal fato não diminui mas engrandece o domínio da religião, como ponto de encontro e de convergência entre tradições distintas (FERRETTI, 1997, p 01).

E assim acontece a festa, numa harmonia entre religiões, tradições e gostos. De modo tal, que ela acaba por agradar e englobar grande parte da população local e até de outras cidades da região. Ou melhor, ganhou destaque como uma das maiores festas populares do Brasil. E de fato, é possível notar o quanto ela altera a rotina da cidade, um pólo regional de quase 400 mil habitantes, pela confusão do trânsito por causa do fechamento das ruas do centro, a grande quantidade de pessoas circulando nas ruas, lotando hotéis e estacionamentos, a abundância de línguas e sotaques de todos os lugares, e a imensidão de gente que lota as barraquinhas e os shows todas as noites. No entanto, o que faz das Festas de Agosto serem tão queridas pelos montesclarenses? Por que e como acontece de um povo se identificar tanto com apenas um item da própria cultura?

Portanto, este trabalho pretende discutir, de modo participativo, a identificação do povo de Montes Claros com os catopês. E, desta forma, entender como esta festa popular, um elemento da cultura da cidade, pode servir para a socialização do indivíduo, gerando uma relação de pertencimento, de integração à sociedade local. Deste modo, ele é importante para se divulgar a cultura do município, e reavivar as manifestações populares de um modo geral, inseridas no modo singular de constituição da cultura brasileira, contribuindo para a compreensão dos fenômenos sociais de um modo geral.

Como método de trabalho, optou-se por uma observação participante, na qual se fez uma inserção na comunidade e com a oportunidade de entender de perto o ambiente social da festa. Isto foi feito por meio de conversas com as pessoas, tanto os participantes dos grupos folclóricos, quanto com quem assiste. É um modo também de

mostrar um pouco do que é a festa e da própria cidade, representando um pouco o que gera tal identificação.

Além disso, também foi feita uma ampla pesquisa bibliográfica, tanto para entender e relacionar a tradição da festa popular com a identificação assumida pelo povo da cidade, quanto para discutir os diferentes conceitos e implicações referentes à cultura e a identidade cultural.

Catopês, Marujos e Caboclinhos

Existem bem poucos documentos sobre a história das Festas de Agosto. Quase tudo que foi transmitido à respeito dela veio da tradição oral. De fato a festa não existiria se cada mestre não fosse passando o posto adiante. Os mestres (comandantes de cada grupo) são os responsáveis por perpetuar a memória deste elemento da cultura de Montes Claros.

O pouco que encontrei sobre a história das festas fica no acervo da Secretaria Municipal de Cultura. Além dos documentos, também aprendi muito com os objetos e as fotos da própria secretaria e da Associação dos Catopês, Marujos e Caboclinhos. Estes três grupos principais compõem as Festas de Agosto, que acontecem sempre nos dias 16, 17 e 18 do mês.



Figura 1: Catopês. Foto: arquivo da secretaria de Cultura

Pela falta de documentos escritos, não se sabe ao certo quando ela começou. Fala-se em algo perto de 200 anos atrás, o que significa que foi antes da própria fundação do município, na época em que ele ainda era uma fazenda de gado. Por isso é válido dizer, e muita gente assim o faz, que a história das Festas de Agosto e de Montes Claros se mistura, ou é uma só.

De concreto, a notícia mais antiga sobre as festas é de 1839, “quando Marcelino Alves pediu licença para tirar esmolas para as festas de Nossa Senhora do Rosário e Divino Espírito Santo que pretendia fazer nesta freguesia” (documento do acervo digital da Secretaria Municipal de Cultura). Em 1841 comemorou-se a coroação do Imperador D. Pedro II, “Catopés, cavalladas, volantins e quaisquer outros divertimentos que não ofendam a moral pública” (Idem).



Figura 2: Marujos. Foto: Arquivo da Secretaria de Cultura.

Dada a incerteza da data da criação, ao menos podemos entender o motivo. As Festas de Agosto surgiram como festa religiosa, em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e ao Divino Espírito Santo, cada um em um dia, feita pelos grupos de catopés, marujos e caboclinhos. Cada um deles tem uma origem diferente.

Ainda que a festa seja baseada na fé cristã, cada um dos 3 grupos que a compõe têm origem em uma etnia que constituiu a base do Brasil colônia. Os marujos (marujada) são de tradição portuguesa para homenagear os reis. Os caboclinhos

(caboclada) têm origem indígena, em homenagem à natureza. E os catopês (ou catopés) vêm da tradição negra-africana de reverência aos deuses do candomblé.



Figura 3: Caboclinhos. Foto: Arquivo da Secretaria de Cultura.

Ou seja, as Festas de Agosto são o reflexo do sincretismo religioso que dominava o Brasil colônia, sendo que houve a substituição das homenagens habituais pelas homenagens aos santos católicos (religião oficial da coroa). Os reinados de Nossa Senhora, São Benedito e do Divino, que acontecem um em cada dia nesta ordem, são representações da mistura da fé dos diferentes grupos que formaram o Brasil.

É interessante notar que por tradição vinda do congado de Ouro Preto e sem nenhuma ligação com a hierarquia do período colonial, são os catopês (negros) que lideram as festas. Provavelmente por isso é que muitas vezes o nome deles substitui o nome das Festas de Agosto, com as pessoas se referindo a eles como se falassem do evento como um todo.

Desfiles, shows e fé.

Dizer qual o momento mais importante da festa depende muito do ponto de vista de quem diz. Mas considerando-se um todo, podemos analisá-la sobre 3 vertentes: os desfiles, os shows e a fé. Mesmo que essa divisão não aconteça de verdade,



conversando com os montesclarenses, pode-se entender que ela existe no imaginário das pessoas. Além disso, ela se aplica bem para a compreensão do que é o evento. Assim como na constituição dos grupos, pode-se dizer que as Festas de Agosto formam uma mistura de celebrações a motivos diferentes, que de um modo ou de outro, procurou agradar a todas as pessoas.

Do ponto de vista da cultura popular e da tradição, os desfiles são a atração principal. Durante a quinta-feira, a sexta-feira e o sábado pela manhã, os catopês, marujos e caboclinhos desfilam pelas ruas do centro, quase repetindo o mesmo trajeto através dos 200 anos. Eles cantam, dançam, tocam instrumentos, as crianças saem fantasiadas de príncipes e princesas, todos guiados pelas imagens e os estandartes dos santos.

Por outro lado, as atrações culturais têm ganhado cada vez mais espaço. Os shows, as barraquinhas e as exposições, cresceram ao ponto de não ficarem confinadas em um único local. Em 2011, foram 5 áreas diferentes com música, comidas e bebidas típicas, de modo que cada uma possuía um tema diferente. Certamente, esta foi a vertente que mais cresceu nos últimos anos, recebendo bastante investimento do poder público, como ressaltou o atual Secretário de Cultura, Ildeu Braúna, em entrevista:

Esse [evolução] é o caminho que todos nós que somos gestores dessa festa temos que trabalhar. A verdade é que o país está descobrindo as festas de agosto de Montes Claros, e já é reconhecido como talvez a festa folclórica mais pura ainda de Minas Gerais. Mas isto está sendo reconhecido de uma forma mais abrangente. Justamente porque a gente está tendo mais acesso à mídia, a gente está tendo acesso à patrocinadores, que tem nos ajudado e nós estamos podendo dar uma dimensão maior à festa e isto é uma retribuição. (Ildeu Braúna, secretário de cultura de Montes Claros. Entrevista concedida no dia 19 de agosto de 2011)

A última vertente, a religiosa, é apontada como a mais importante por quem participa diretamente da festa, porque é onde se encontra a origem e o sentido dela. É constituída pelas missas que acontecem na Igreja do Rosário, as construída com essa finalidade, e dos levantamentos de mastros, que simbolizam a reverência aos santos e acontecem na noite anterior ao dia de cada desfile. O Mestre Zanza é um dos defensores: “essa festa nossa é religiosa, nós não pode pegar tudo quanto é trem e tacar no meio da gente, não” (Mestre Zanza, Presidente da Associação dos Catopês, Marujos e Caboclinhos de Montes Claros. Entrevista Concedida no dia 17 de agosto de 2011).

De fato, se a fé religiosa deu origem à festa, os desfiles e as atrações culturais a fizeram tomar a dimensão que tem hoje. Ou seja, mesmo que para alguns uma parte distinta da festa seja mais importante e tem um significado maior do que as outras, sem nenhuma delas as Festas de Agosto seriam o que é atualmente.



A legitimação da cultura popular

A compreensão do que é cultura talvez seja de fácil entendimento para a maioria de nós. Apesar de amplo, o conceito já foi tão discutido e adaptado a tão diferentes situações, que faz parte do imaginário de muita gente. Resumidamente, por cultura, entendemos os valores, as crenças, as tradições e as práticas representativas de um povo, um grupo social, e é transmitido através das gerações.

Berger e Luckmann (2005) afirmam que os atores sociais modificam a sociedade através de suas vivências e conhecimentos particulares acumulados. Assim acontece na transformação dos costumes e valores que regem as sociedades.

Comumente, sobretudo a partir da modernidade, passou-se a utilizar o termo cultura para denominar o conjunto de práticas ligadas ao conhecimento e à fruição. Neste conceito entram as atividades artísticas de um modo geral (música, dança, artes plásticas, literatura...), o cinema e mais recentemente (e para alguns), a televisão. Cabe então ressaltar que este uso comum da palavra cultura, por ser fruto da ação humana em nível social, pode ser encaixado no conceito de Berger e Luckmann.

Por vezes o conceito de cultura tem sido vinculado à erudição e ao conhecimento. Em certo momento, as práticas culturais populares passaram a ser desqualificadas e marginalizadas. A própria idéia de Berger e Luckmann a respeito da legitimação do universo simbólico por intelectuais já limita a denominação do que é cultura por uma minoria detentora de um conhecimento academicista.

A sociologia do conhecimento de Berger e Luckmann pressupõe uma legitimação¹ feita através de agentes sociais dotados de uma formação especializada, os intelectuais; pessoas orientadas e reconhecidas como capazes de instituir novos elementos em um universo simbólico². Entretanto, como se justificaria a existência e a convivência de elementos tão diferentes em uma mesma cultura senão pela institucionalização de tais elementos por agentes com conhecimentos, experiências e opiniões diferentes? E, sobretudo, o que dizer sobre a cultura popular, fundamentada na tradição oral e nos costumes de pessoas simples, mas que possuem um grande conhecimento sobre a mesma?

Porque se eles próprios distinguem como cultura o conjunto de costumes, valores e práticas comuns a indivíduos de uma sociedade, e sendo ela o elemento central para o reconhecimento dos indivíduos como pertencentes a um mesmo contexto social,



qualquer pessoa que possua conhecimento e meios para propagá-la poderá assim o fazer.

Costa Filho (2006) destaca que muitas vezes as pessoas vêem uma superioridade na cultura chamada de erudita, exatamente por seguir esse modelo de transmissão, no qual os intelectuais são os responsáveis por transmitir os padrões aos demais. Segundo ele, tudo que não é transmitido dessa maneira acaba sendo marginalizado.

O termo indica uma visão de mundo que considera meu grupo como padrão para o julgamento dos comportamentos dos outros. O que é diferente é rejeitado. É ridicularizado. Meu modo de vida é o correto. O dos outros está errado. Esta postura se origina de um processo de estranhamento, comum nos choques entre culturas diferentes. No entanto, torna-se preconceituosa quando julga um modo de vida superior a outro (COSTA FILHO, 2006, p 01)

Chartier (1995) explica que esta desvalorização da cultura popular aconteceu há muito tempo, entre os séculos XVI e XVII, na época em que ainda se separavam os divertimentos e o conhecimento pertencentes às cortes e à plebe. Essa separação, segundo ele, deu origem à divisão ainda existente no pensamento de alguns entre cultura das elites e cultura dos pobres.

No entanto, na contramão desta possível divisão, o que se vê em Montes Claros é uma conjunção de interesses das elites, dos mais pobres e dos poderes públicos e privados. Pois se pessoas simples e sem muita instrução lideram as manifestações religiosas e culturais, podemos notar a grande participação de pessoas da sociedade letrada. Inclusive nos depoimentos para o documentário, é possível notar a presença tanto de pessoas mais simples, quanto de professores, economista, comerciantes e artistas. Tudo isto sobre o aval e o financiamento do poder público e privado. Todos eles são responsáveis por legitimar e transmitir a cultura das Festas de Agosto.

As Festas de Agosto, deste modo, são um exemplo de que a cultura popular, ainda que não reconhecida por alguns, se mantém como traço cultural significativo. Roger Chartier (1995) acredita que a aproximação com as pessoas é exatamente o que a mantém viva. Para ele,

Não se pode aceitar acriticamente uma sociologia da distribuição que supõe implicitamente que à hierarquia das classes ou grupos corresponde uma hierarquia paralela das produções e dos hábitos culturais. Em toda sociedade, a apropriação dos textos, dos códigos, dos modelos compartilhados são tão ou mais geradoras de distinção que as práticas próprias de cada grupo social. (CHARTIER, 1995, p 184)



Identidade Cultural

O primeiro passo para se conhecer uma palavra, talvez o mais comum, é procurando o significado dela num dicionário. Através dele, é possível conceituar identidade como qualidade daquilo que é idêntico, paritário ou ainda, aquilo que identifica o indivíduo. (MICHAELIS, 2009, versão digital). Um e outro mais ou menos não se excluem, conforme podemos perceber que as particularidades de uma pessoa costumam existir em relação às outras. O que cabe aqui é entender que há características existentes sem a escolha do indivíduo, e algumas que ele até certo ponto elege, de acordo com preferências e inclinações. A estas últimas, as quais são dependentes de conhecimentos prévios e de uma vida em sociedade é que iremos nos ater neste trabalho.

Stuart Hall (2006) expõe a existência de três momentos distintos de conceituação de identidade. Os iluministas acreditavam na razão individual como forma de identificação do sujeito. Esta visão se caracterizava como isolada e estritamente pessoal, restringindo o campo das ações do indivíduo a ele mesmo.

Na ideia de “sujeito sociológico” o indivíduo se identifica com a sociedade a qual pertence, não se limitando ao campo das próprias ações. Ele se mantém com sua subjetividade, mas reconhece as influências e interações com o meio externo.

Atualmente, Hall destaca outra forma de identificação, cujo indivíduo possui várias identidades, muitas vezes, contrárias e incertas. Segundo ele, as fronteiras culturais, responsáveis por criar identidades, já não são rígidas, e pelo contrário elas se sobrepõem. Assim, “O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”. (HALL, 2006, p 03).

O processo de identificação de um povo com sua própria cultura é relativo de acordo com as próprias especificidades, características e preferências de cada indivíduo. Desta maneira, a identificação com elementos especiais da cultura, como por exemplo, com festas populares, está diretamente ligada à experiência individual que perpassa e se acumula na história de cada um.

Para Santos (1993), com a modernidade ficou cada vez mais difícil se identificar com elementos locais, visto que não se pode mais interpor barreiras entre as fronteiras culturais. Num mundo global, o homem tem acesso a um número maior de



informações, conhecimentos e culturas, de modo que se apropria deles não se reconhecendo mais como pertencente a um único nicho cultural.

Santos afirma ainda que gradativamente foram rompidos vínculos essenciais à manutenção da memória social: o religioso, marginalizado pela separação entre igreja e estado; o étnico, descaracterizado pela miscigenação e pelo racismo; o da natureza, através da degradação do ambiente e a crescente urbanização; e o de classe, representado pelo crescimento da possibilidade de ascensão social. Em suma, a vida moderna impôs uma situação de descontextualização do indivíduo, na qual boa parte das pessoas vive e se reconhece como cidadão do mundo.

No entanto, apesar desse rompimento dos indivíduos com a cultura local (Santos, 1993, 05), que culmina numa falta de identificação do indivíduo com ela, pois as fronteiras entre as culturas já não possuem tanto significado (HALL, 2006, p 03), como explicar a permanência e a manutenção contínua da tradição das Festas de Agosto? E ainda, o crescimento e a evolução do evento?

Neste ponto voltamos a ideia de legitimação. Pois a memória transmitida há anos de pai para filho, e dos mestres para os aprendizes propõe uma continuidade da cultura local. Por outro lado, a introdução de novos participantes ou espectadores propõe mudanças de acordo com as próprias transformações ocorridas ao longo do tempo em outros elementos culturais. Ou seja, se de um modo a festa cresceu, ganhou espaço e se adaptou às novidades da vida moderna, isto aconteceu principalmente pela inserção de novos valores vindos tanto da transformação da sociedade, que alterou a forma de pensar e agir dos participantes, quanto pela inserção dos mais jovens.

Já em relação às pessoas que apenas a assistem, a simples existência da festa e o reconhecimento dela como pertencente à cultura local, já cria um vínculo a partir da identificação com a cultura de um modo geral. Desta forma, se as pessoas se reconhecem como montesclarenses, em maior ou menor grau, elas se identificam com as festas e acreditam que elas sejam representativas dos valores e das tradições da sociedade na qual vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É impressionante o poder e o fascínio que as Festas de Agosto exercem nas pessoas, tanto de Montes Claros quanto de fora da cidade. Não é por acaso que a festa tem sido



uma das principais manifestações populares do Brasil, representando o modo de vida de todo o norte de Minas Gerais.

O fato mais marcante de toda a experiência de contato com as pessoas e com o ambiente da festa foi constatar que as tradições populares podem sobreviver perfeitamente ao modo de vida moderno, de modo que um até complete o outro. Pois se as diferentes manifestações internas das festas e os diferentes grupos folclóricos coexistem tão bem, é porque os indivíduos envolvidos percebem o quanto que juntos eles representam a memória da cidade.

Ao contrário de previsões pessimistas à respeito do fim da cultura popular, marginalizada pela erudita, as Festas de Agosto, assim como outras tradições nacionais, se mantêm vivas graças ao empenho dos próprios membros da sociedade. Pois estes reconhecem a importância dessas manifestações como objeto de identificação e manutenção da memória local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fernanda Monteiro e RODRIGUES, Rosely Gonçalves. O mercado de Nazaré: um retrato do comércio popular na maior festa religiosa do Brasil. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Departamento de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG, Novembro de 2010.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Editora Vozes. Petrópolis, 2005. 295 p

CHARTIER, Roger. Cultura Popular: Revisitando um conceito histórico. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: volume 08, 1995, p 179-192. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2005> Acessado no dia 23 de abril de 2011.

Catolicismo: Revista de cultura e atualidades. Outubro de 1994. Disponível em: <http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=9EE64974-3048-313C-2EF22C4C79D5442A&mes=Outubro1994> Acessado no dia 23 de abril.

FERRETTI, Sérgio F. Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural. Trabalho apresentado na Mesa Redonda Reafricanização e Sincretismo. **V Congresso Afro-Brasileiro**. Salvador, Agosto de 1997. Disponível em: www.divinoemaranhado.art.br Acessado no dia 23 de abril de 2011.

COSTA FILHO, Ismar Capistrano. Etnocentrismo, Comunicação e Cultura Popular. **Biblioteca On-line de Ciência da Comunicação**, 2006. Universidade da Beira Interior. Disponível em: www.bocc.ubi.pt Acessado no dia 23 de abril de 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A Editora, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, 102 p.



MICHAELIS. Dicionário on-line. Disponível em:
<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=identidade> Acessado no dia 23 de outubro de 2011.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: volume 5, número 10, 1992. p 200-212.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo Social; Revista de Sociologia**. USP, São Paulo: 1993 (editado em novembro de 1994). p 31-52.